

Bahia



Em Tatauí, Sobradinho, o almoço começa no quintal produtivo de Cristiane Primo



Quando uma das galinhas anuncia a postura, Cristiane Primo Cordeiro da Silva, de 43 anos, já sabe que há um ovo para recolher. A poucos passos do galinheiro, a horta oferece couve, coentro, pimentão e tomate-cereja. Se o meio-dia chega e não houve tempo de preparar outra coisa, parte do almoço está garantida ali mesmo, no quintal.

“Eu pego um ou dois ovos, passo na horta, tiro umas folhas de couve, tomate-cereja e um pouquinho de coentro. Pronto. Já fiz meu almoço, a salada e o ovo estão garantidos. Para mim, é a maior alegria.”

Cristiane vive com o esposo, Adriano Pereira da Silva (46), e a filha, Sarah Primo da Silva (6), na comunidade de Tatauí, no interior de Sobradinho, no norte da Bahia. A terra pertence à família desde 2010, mas foi durante a pandemia de Covid-19 que ela decidiu deixar a área urbana e se mudar definitivamente para o local. A filha ainda era bebê, e o medo e a insegurança daquele período pesavam sobre seu cotidiano.

Quando a família chegou, a casa não estava concluída. Também não havia reservatório para armazenar água. O primeiro, com capacidade para seis mil litros, foi doado por uma amiga que visitou Cristiane e conheceu as condições em que ela vivia. “Viemos só com a cara e a coragem. Depois que estivéssemos aqui, iríamos terminando as coisas”, relata.

A mudança exigiu adaptação. Empolgada com a possibilidade de criar animais, Cristiane construiu um primeiro galinheiro, ainda com poucos recursos e sem orientação técnica. A estrutura não protegia adequadamente as aves do vento e da chuva, e algumas começaram a morrer. Sem condições de fazer as melhorias necessárias, ela interrompeu a criação.



A família retomou os planos em 2023, com a chegada do acompanhamento técnico do projeto Ater Bioma Caatinga, executado pelo Irapa. Cristiane e Adriano acessaram o fomento disponibilizado pelo projeto e receberam orientações da técnica de campo Rose Tuxi. Parte dos materiais existentes na propriedade, como madeira, telhas e blocos, foi reaproveitada na construção de um novo galinheiro. O recurso também possibilitou a compra de aves e de sombrite para ampliar a área da horta.



Hoje, o galinheiro possui um espaço protegido para as aves dormirem e uma área onde elas podem circular. Das 11 galinhas criadas pela família, cerca de seis ou sete já produzem ovos. Antes da nova estrutura, as aves ficavam soltas e os ovos eram encontrados dias depois, muitas vezes sem condições de consumo. “Agora ficou mais seguro, fresquinho e com um cantinho bom para elas. Quando a galinha grita, eu já sei que tem ovo. Vou lá e pego”, relata Cristiane.



Da experiência da mãe ao próprio acompanhamento



O vínculo de Cristiane com a assessoria técnica começou antes de ela acessar o projeto. Sua mãe, Maria Aparecida Primo, conhecida como Cidinha, é acompanhada desde 2013. Cristiane participava das reuniões e atividades junto com ela, ainda que não recebesse atendimento direto.

Quando chegou à comunidade, Cidinha permaneceu sob um umbuzeiro enquanto construía o primeiro cômodo da casa. A água fornecida por uma adutora era armazenada em uma caixa de 500 litros e se esgotava rapidamente. A água para beber precisava ser trazida da cidade.

Essa realidade foi modificada com a construção de uma cisterna de 16 mil litros pelo Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), executado pelo Serviço de Assistência Socioambiental no Campo e Cidade (SAJUC). Aos poucos, Cidinha começou a cultivar frutíferas e a aproveitar a água utilizada na pia para manter dois coqueiros. Eles receberam até nomes: Riqueza, por produzir cocos com frequência, e Rodrigo.



Cristiane acompanhou esse processo e levou parte do aprendizado para o próprio terreno. Em 2024, sua família também foi contemplada com uma cisterna de consumo familiar, com capacidade para armazenar 16 mil litros de água. A propriedade conta ainda com um poço artesiano, que complementa a disponibilidade de água para a produção.

No entorno da casa, a família cultiva goiaba, manga, pinha, acerola, maracujá, uva, coco, laranja e caju. Na horta protegida pelo sombrite, Cristiane experimenta diferentes plantios. Coentro, couve, alface, pimentão, pimenta-de-cheiro e tomate-cereja dividem os canteiros, enquanto rúcula e hortelã já estão entre os próximos cultivos planejados.



Mudanças que começam no manejo

O acompanhamento técnico também mudou a forma como a família lida com a terra. Antes da assessoria, o aparecimento de formigas, lagartas, pulgões e outros organismos considerados prejudiciais à produção era combatido com agrotóxicos. Com as formações e orientações, Cristiane trocou o veneno por preparados caseiros para controlar as infestações.

Ela também passou a aproveitar os resíduos domésticos. Cascas de ovos, borra de café e restos de frutas e verduras, antes descartados, passaram a ser reunidos para a produção de adubo orgânico. Depois do período de decomposição, o material é incorporado aos canteiros. “Hoje eu sei que, se colocar tudo em um espaço, vai se decompor e gerar um adubo fortificante. Depois a gente revira e usa nos canteiros”, explica.

O acesso à água e às políticas públicas influenciou a permanência da família no campo. O fomento tornou possível uma estrutura que a família não conseguia construir com recursos próprios. A assessoria contribuiu para que o galinheiro, a horta e o pomar fossem manejados com maior segurança e menor dependência de insumos externos. O resultado aparece na alimentação diária e nos planos para os próximos anos.

A família pretende organizar a poda das frutíferas em períodos diferentes, buscando manter alguma espécie em produção ao longo dos meses e, futuramente, gerar renda com o que é cultivado no quintal. O projeto ainda está em construção, assim como esteve a própria casa quando Cristiane decidiu se mudar.

Agora, ao olhar para as plantas crescidas, para as aves e para os canteiros próximos da cozinha, ela não cogita refazer o caminho de volta à cidade.

**“A qualidade de vida daqui não se compara.
Eu amo meu lugar. Daqui eu não saio.”**

